

A DOXA NO *PERI PHYSEÔS* DE PARMÊNIDES E A QUESTÃO DO MOVIMENTO

Marcos Vinícius Lima dos Santos⁸

Resumo: Apresentar uma leitura fiel a uma obra antiga como o *Peri Physeôs* de Parmênides, a qual se distancia dos nossos dias em aproximadamente 2500 anos, não é de maneira alguma simples. Fica a questão: é possível uma tal interpretação “fiel”. Acreditamos que uma visão pura do pensamento parmenídeo é certamente inviável. Entretanto, isso não impede a tentativa de nos aproximarmos mais adequadamente da sua mensagem. Grandes dificuldades, no entanto, são impostas a esse fim, visto que já nos encontramos presos a uma interpretação tradicional baseada em pressuposições posteriores à Parmênides, estabelecendo, desse modo, uma relação anacrônica com o Eleata. Portanto, nossa investigação se debruçará sobre possibilidade de interpretar a *Doxa* em Parmênides em um sentido positivo, a fim de melhor compreender o pensamento de Parmênides com respeito à questão do movimento. Essa investigação estará apoiada em grande parte na argumentação de Bruno Conte em sua tese de doutorado *A Doxa no poema de Parmênides: uma investigação a partir dos testemunhos doxográficos*. Dividiremos essa empreitada do seguinte modo: 1) Uma possível interpretação positiva da *Doxa*, em que abordaremos a questão da *Doxa* para Conte; 2) A cosmologia de Parmênides e o movimento, em que abordaremos as teses a respeito do *diakosmos* e do movimento em Parmênides.

Palavras-chave: Doxa; Parmênides; Cosmologia; Movimento; *Diakosmos*.

Abstract: Presenting a faithful reading of an ancient work such as *Peri Physeôs* by Parmenides, which is separated from our own time by approximately 2,500 years, is by no means a simple task. The question remains: is such a “faithful” interpretation even possible? We believe that a pure view of Parmenidean thought is certainly unfeasible. Nevertheless, this does not prevent the attempt to approach its message more adequately. Great difficulties, however, stand in the way of this endeavor, since we are already bound to a traditional interpretation grounded in assumptions posterior to Parmenides, thereby establishing an anachronistic relation with the Eleatic philosopher. Therefore, our investigation will focus on the possibility of interpreting the

⁸ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Desenvolve uma pesquisa PIBIC voluntário de título “A influência do Tractatus no Positivismo lógico”. E-mail para contato: santos.marcosvln@gmail.com.

Doxa in Parmenides in a positive sense, in order to better understand Parmenides' thought regarding the question of movement. This investigation will rely largely on the arguments developed by Bruno Conte in his doctoral thesis *A Doxa no poema de Parmênides: uma investigação a partir dos testemunhos doxográficos*. We shall divide this undertaking as follows: 1) A possible positive interpretation of Doxa, in which we will examine Conte's understanding of Doxa; 2) The cosmology of Parmenides and movement, in which we will address the theses concerning the *diakosmos* and movement in Parmenides.

Keywords: Doxa; Parmenides; Cosmology; Movement; Diakosmos.

Introdução

Apresentar uma leitura fiel a uma obra antiga como o *Peri Physeôs* de Parmênides, a qual se distancia dos nossos dias em aproximadamente 2500 anos, não é de maneira alguma simples. Fica a questão: é possível uma tal interpretação “fiel”. Acreditamos que uma visão pura do pensamento parmenídeo é certamente inviável. Entretanto, isso não impede a tentativa de nos aproximarmos mais adequadamente da sua mensagem. Grandes dificuldades, no entanto, são impostas a esse fim, visto que já nos encontramos presos a uma interpretação tradicional baseada em pressuposições posteriores à Parmênides, estabelecendo, desse modo, uma relação anacrônica com o Eleata. Outras dificuldades surgem do fato de que o texto que chegou a nós como o *Peri Physeôs* é na verdade um compilado de citações espalhadas pela história da filosofia, o que dificulta sua interpretação e compreensão.

Portanto, todo crítico que considere se debruçar sobre o estudo do poema já supõe uma determinada organização dos fragmentos do poema. Dado que não possuímos o texto nem integralmente nem originalmente, as preocupações quanto à história da preservação do texto, sua organização e especialmente sua tradução ganham singular enfoque. Em textos filosóficos bem preservados, a questão da tradução e dos problemas filológicos é mais restrita e geralmente se resume a desafios conceituais. No entanto, no caso dos pré-socráticos, a situação é mais complexa. A transmissão textual desses filósofos foi muito fragmentada, visto que seus escritos chegaram até nós principalmente por meio de citações feitas por outros autores, em contextos variados e posteriores à formulação do poema por Parmênides.

Chamamos a atenção para a interpretação predominante, a respeito do poema, que se cristalizou especialmente após as leituras feitas por Platão e outros filósofos subsequentes. Interpretação essa que enquadra Parmênides como imobilista. Tal leitura nega o movimento na

filosofia de Parmênides e tornou-se a interpretação “tradicional” na história da filosofia. Essa interpretação é, na verdade, bastante dependente de pressupostos tardios, como por exemplo a divisão platônica de sensível e inteligível. Apesar de ser uma possibilidade de leitura, a lente do platonismo pode distorcer nossa visão do pensamento parmenídeo em si mesmo.

Foi a obra de Hermann Diels, *Die Fragmente der Vorsokratiker* (*Os fragmentos dos pré-socráticos*), de 1903, que reuniu de forma organizada os fragmentos e as fontes doxográficas referentes aos pensadores originários. A escolha dos critérios usados por ele para agrupar e classificar os fragmentos reflete uma certa interpretação. Portanto, a percepção de qual é o pensamento de Parmênides é, em certo sentido, mediada por quem compilou esses textos. Além disso, a forma como os filósofos pré-socráticos foram classificados sob o título genérico de *Filósofos da natureza* (*Physikos*) também é um reflexo de uma perspectiva posterior, que pode ser encontrada na *Metafísica* de Aristóteles. A interpretação desses filósofos exige um cuidado extra, pois estamos lidando com fragmentos citados em diferentes contextos históricos e nossa compreensão deles está inevitavelmente ligada às escolhas feitas pelos estudiosos modernos para organizar esse material. Isso implica que qualquer interpretação dos pré-socráticos deve estar ciente da complexidade e da natureza da reconstrução desses textos.

No caso específico de Parmênides, Raul Barros destaca que nos restaram apenas cerca de 160 versos dispostos em 19 fragmentos, sendo que o tamanho original de sua obra permanece desconhecido⁹. A ausência de uma ordem clara entre os fragmentos e a escassez de informações precisas sobre a localização exata de cada um deles tornam a análise do poema de Parmênides delicada. Isto é particularmente evidente quando se tenta estabelecer uma sequência lógica entre os fragmentos, como o primeiro, o segundo e assim por diante.

Outro ponto importante é como o pensamento de Parmênides foi organizado e interpretado ao longo da história, especialmente a partir da divisão do poema nas seções da “verdade” e da “opinião” proposta por Georg Fülleborn¹⁰, no século XVIII. Fülleborn, sendo inspirado por uma passagem de Diógenes Laércio, que sugeria essa dualidade em relação à filosofia de Parmênides, mas não ao texto em si, organiza o texto nessas duas partes. A respeito disso, comenta Bruno Conte:

Mas em que se sustenta Fülleborn ao estabelecer a divisão do poema em Verdade e Opinião, com os resultados que acabamos de descrever? Ao argumentar pela divisão que obteria incontestável sucesso nos dois séculos seguintes – e esse é um detalhe

⁹ BARROS, 2023, p. 308-309.

¹⁰ Georg Gustav Fülleborn (1769–1803) foi um filósofo, filólogo e historiador suíço. Ele é especialmente conhecido por seus estudos sobre a filosofia antiga e por ter contribuído para a organização histórica dos filósofos “pré-socráticos”.

digno de nota –, o filólogo suíço não se apoia em nada além de uma passagem de Diógenes Laércio que não pretende dizer explicitamente da estrutura da obra parmenídea, mas apenas da concepção que teria exposto o eleata acerca da filosofia que comportaria um duplo registro, ‘segundo a verdade’ (κατὰ ἀληθείαν) e ‘segundo a opinião’ (κατὰ δόξαν). De uma divisão sistemática da filosofia parmenídea inferiu-se, sem mediação, a repartição do poema em dois momentos, colocando o problema da disposição dos fragmentos que nos chegaram em termos de situá-los em uma ou outra de suas ‘partes’ principais’. (CONTE, 2016, p.22)

Nesse sentido, assim como Conte, cremos que, embora a oposição entre “verdade” e “opinião” esteja presente no fragmento de Parmênides, usá-la como base para separar o poema em duas partes distintas pode ser problemático. A crítica aqui é que essa divisão já orienta o leitor de Parmênides em uma interpretação dicotômica da estrutura do texto. Em nossa compreensão não há grandes evidências que sugiram que o poema realmente fosse dividido do modo de Fülleborn. Ao separar o poema em duas partes, “verdade” e “opinião”, situa-se certos fragmentos em uma parte e outros em outra. Desse modo, há uma escolha crítica, já orientada pela oposição acima, por quais fragmentos pertencem à via da *Doxa*.

Em vista dessa divisão e a partir de testemunhos doxográficos, especialmente de Platão, Parmênides foi vinculado a uma tradição imobilista pela crítica moderna, que enfatizava a negação do movimento e da multiplicidade das coisas em favor de uma unidade e imobilidade absolutas do “ser”. Com base nisso, passou-se a interpretar todo o conteúdo filosófico de Parmênides que abordava temas físicos e cosmológicos, os fragmentos B10 a B19, como pertencentes à parte da “Opinião”, desse modo considerada errônea, em oposição à “Verdade”, que estaria restrita às questões ontológicas.

Essa interpretação estabeleceu uma leitura dogmática de Parmênides como um pensador que se distanciava da realidade física, focando exclusivamente em uma especulação ontológica, sem conexão com o mundo empírico. Ao postar os fragmentos que falam da natureza na seção da “Opinião”, os estudiosos modernos limitaram a interpretação de Parmênides a uma visão excessivamente rígida e reducionista, que não leva em conta a pluralidade de temas e a profundidade de sua reflexão filosófica.

Essa crítica à interpretação dogmática de Parmênides nos leva a refletir sobre a necessidade de revisitar suas ideias com mais flexibilidade, sem impor uma leitura que se baseia unicamente nas convenções estabelecidas pela crítica moderna. Ao fazer isso, poderíamos compreender melhor a complexidade e a possível relação entre sua ontologia e suas especulações sobre o mundo físico, além de desafiar a imagem de Parmênides como um pensador completamente isolado da realidade empírica.

Contrariamente as teses modernas a respeito do pensamento de Parmênides, há indícios de seus grandes feitos com relação a temas físicos. Podemos citar Plutarco, que no *Adversus Colototem*, refere-se a Parmênides, do seguinte modo:

[...] criou de fato uma ordenação de mundo [...] assim também disse muitas coisas sobre a Terra e sobre o Céu e o Sol e a Lua, e dissertou sobre a geração dos Homens. Na condição de homem antigo, não deixou de falar de nenhum dos principais assuntos relativos ao estudo da natureza e compôs um texto próprio, sem interferências alheias. (*Adversus Colototem*, 1114b *apud* BARROS, 2023, p. 306)¹¹

Percebe-se na passagem acima que a Parmênides investigou várias áreas do conhecimento físico, entre elas a cosmologia e a embriologia presentes nos fragmentos B10 ao B18. Tendo isso em mente, como entender um Parmênides que nega absolutamente as aparências, mas que se propôs a falar tanto delas? Ou como questiona Raul Barros: “Como não se impressionar com a tamanha diferença entre o “Parmênides imobilista” do testemunho platônico, com o “Parmênides cosmólogo” de Plutarco?” (BARROS, 2023, p. 306). Sobre isso a deusa que dirige a palavra ao jovem Parmênides pode dar uma pista, ela diz:

Terás, pois, de tudo aprender: o coração inabalável da verdade fidedigna e as crenças dos mortais, em que não há confiança genuína. Mas também isso aprenderás: **como as aparências têm de aparentemente ser**, passando todas através de tudo. (B1, 28-32, grifo nosso)¹²

A deusa ressalta para o jovem que tudo terá que aprender, inclusive a respeito daquilo que pode nos ajudar a compreender o porquê Parmênides haveria dito tanto sobre a natureza, aqui compreendida na ordem das aparências. O discurso da deusa assegura que “as aparências têm de aparentemente ser”, sendo elas importantes para o aprendizado de Parmênides e não descartadas como puramente falsas, apesar de elas estarem ligadas à *Doxa*.

Portanto, nossa investigação se debruçará sobre possibilidade de interpretar a *Doxa* em Parmênides em um sentido positivo, a fim de melhor compreender o pensamento de Parmênides com respeito à questão do movimento. Essa investigação estará apoiada em grande parte na argumentação de Bruno Conte em sua tese de doutorado *A Doxa no poema de Parmênides: uma investigação a partir dos testemunhos doxográficos*. Dividiremos essa empreitada do seguinte modo: 1) Uma possível interpretação positiva da *Doxa*, em que abordaremos a questão da *Doxa* para Conte; 2) A cosmologia de Parmênides e o movimento, em que abordaremos as teses a respeito do *diakosmos* e do movimento em Parmênides.

¹¹ A tradução usada por Raul Barros é da obra *Filósofos Épicas*, de Fernando Santoro (2011, p. 87).

¹² Tradução do Professor Dr. Jose Gabriel Trindade Santos presente na obra *Parmênides. Da Natureza*. Primeira edição, Loyola, São Paulo, Brasil, 2002.

Uma possível interpretação positiva da *Doxa*

A interpretação de Bruno Conte, com foco na *Doxa*, do poema de Parmênides está baseada em sua hipótese “deflacionista” a respeito dos versos em que o pensador grego trataria da “opinião”. Essa hipótese é levantada e defendida por ele após um trabalho investigativo das fontes doxográficas que transmitiram os fragmentos até nós, além dos comentários da vida e obra de Parmênides na antiguidade. Seu trabalho, nesse sentido, se prestou a ler mais atentamente a doxografia antiga e levar em consideração seus comentários do poema e da filosofia de Parmênides, esclarecendo os usos em contextos específicos de versos do *Peri Physeôs* por esses antigos. Por conseguinte, reconstruiremos alguns comentários de Conte a alguns testemunhos doxográficos e fragmentos a fim de expor a hipótese “deflacionista” brevemente.

Um trecho de sua tese de doutorado nos chama atenção por resumir a sua hipótese baseada nos testemunhos antigos, diz Conte:

O recolhimento das notícias — que a este respeito são bastante coerentes entre si — autoriza-nos acenar para duas possibilidades: uma é considerar que a seção da *Doxa* — entendida no sentido próprio que pretendem os nossos informantes quando a ela se referem — limite-se aos versos B8,53-59, em conjunto com os versos de B9. Teríamos assim uma seção da *Doxa* comportando um conjunto de versos bastante reduzido, muitíssimo menor do que se supôs ao identificá-la a uma Segunda Parte do poema. Alternativamente, uma posição consistiria em assumir que a seção apresenta duas etapas, a postulação dos princípios, identificada aos versos mencionados, seguida do relato cosmogônico do qual dispomos de alguns fragmentos (de maneira que a *Diakosmêsis* estaria contida na *Doxa*). É de notar, em qualquer caso, dois pontos: a) que os antigos doxógrafos fazem referência eminentemente à postulação dos ‘princípios’ (uma interpretação daquilo que Parmênides nomeia *διάκοσμος*) quando tratam da *Doxa*, insistindo tratar-se de uma teoria verdadeira; b) que, em decorrência, mesmo na hipótese da inclusão da cosmogonia na seção “a respeito da opinião”, isso não nos força a considerar que esse relato tenha o caráter de uma “opinião de mortais”, sujeito aos mesmos ataques que a deusa *lhes* dirige na primeira parte do poema (cf. B1,30; B6,4-9; B7,3-5). E, no entanto, veremos que dispomos, a partir de Simplicio, de alguns indícios adicionais — e ainda mais claros — que nos inclinam a assumir a hipótese deflacionista a respeito da seção da *Doxa*. (CONTE, 2016, p. 49-50)

Nesta longa citação, está exposta a via interpretativa que Conte segue a partir dos testemunhos doxográficos de autores como: Simplicio, Teofrasto, Aristóteles, Platão, Plutarco, Asclépio e muitos outros¹³. Assim, o comentador apresenta duas possibilidades para designar qual seria a seção *Doxa*: uma que reduz os versos que compõem a seção da “opinião”; outra que conserva os fragmentos adotados como pertencentes a *Doxa* mas dividindo-a em duas etapas e sobre nova interpretação considerando as notícias recolhidas. Conte defende a primeira dessas opções, que diz respeito justamente a sua hipótese “deflacionista” a qual reduz os versos

¹³ Para conferir multiplicidade de testemunhos utilizados por Conte, ver: capítulos 1.3 a 1.6 (CONTE, 2016).

da seção da *Doxa* e considera os demais versos como *Diakosmêsis*, relativos à cosmogonia apresentada pela deusa à Parmênides. Pretere por essa possibilidade muito por conta dos testemunhos de Simplicio, o qual utiliza de tais versos para comentar a defesa de Aristóteles de princípios (ἀρχαί) contrários como fundamento de todas as coisas físicas. Na passagem utilizada por Conte, Simplicio cita os versos 53-59 de B8 juntamente com B9 para expressar os princípios contrários postulados por Parmênides¹⁴. É nesta vinculação desses versos à *Doxa* por Simplicio e pela afirmação por ele dos princípios contrários de Parmênides que repousa uma das justificativas de Conte para que esses versos sejam adotados como relativos à “opinião”.

Os fragmentos em questão entendidos por Conte como *Doxa* são os seguintes:

E estabeleceram duas formas, que nomearam, das quais uma não deviam nomear – e nisso erraram –, e separaram os contrários como corpos e postaram sinais, separados uns dos outros: aqui a chama do fogo etéreo, branda, muito leve, em tudo a mesma consigo, mas não a mesma com a outra; e a outra também em si contrária, a noite sem luz, espessa e pesada. (B8, 53-59)

Mas, uma vez que tudo é chamado luz ou noite e o conforme a estas potências é dado a isto e àquilo, tudo é igualmente cheio de luz e de noite obscura, ambas iguais, visto cada uma delas ser como nada. (B9)

É a partir desses versos que a interpretação de Conte esclarece pontos importantes a respeito do que seriam as “opiniões dos mortais”, *doxas*, em Parmênides. Nesse sentido, percebe que Simplicio aponta para uma questão importante a respeito da “errância dos mortais”, condição atrelada às opiniões. Conte argumenta, através de outra passagem de Simplicio, que aqueles que se encontram em condição de errância são caracterizados pela falta de discernimento da oposição fundamental entre os princípios contrários de Parmênides, *diakosmos*. Tais princípios são o fogo ou luz e noite ou escuridão, como podemos ver na dualidade contrária presente em B8, 53-59 e B9. Segundo Simplicio, o que caracterizaria a ilusão dos mortais é a falta de compreensão dessa oposição fundamental em decorrência do que “é” (o um), isto é, da unidade fundamental do que “é”. Uma vez que “o que é” é uma totalidade unificada, esses princípios opostos não poderiam ser separados como fazem os mortais segundo

¹⁴ “Ele (Aristóteles) demonstra que os princípios, isto é o que tem aspecto de elemento para as coisas físicas, são contrários, primeiro pelo fato da concordância aproximada entre todos os físicos com essa tese, e mesmo quando discordam sobre outros pontos. Pois mesmo aqueles que declaram que ‘o que é’ é um e imóvel, como Parmênides, também fazem contrários os princípios das coisas naturais. Pois também ele, nos versos relativos à *doxa*, faz de quente e frio princípios. A esses chama de Fogo e Terra, Luz e Noite ou, ainda, escuro. Diz, pois, após os versos sobre a Verdade: (B8,53-59) e, novamente, logo a seguir: (B9,1-4)” (SIMPL. *In phys.* 179,27-180,12 *apud* CONTE, 2016, p. 45-46). Na parte intitulada *O “arranjo cósmico” (diakosmos) e a “ordenação cósmica” (diakosmêsis)*, Conte argumenta sua escolha desses versos para compor a *Doxa* por conta da necessidade de Simplicio de afirmar os princípios através deles e especificando que o “princípios” (ἀρχαί) postulados por Parmênides estão no fragmento B9, enquanto B8, 53-59 de ocuparia das “formas” (μορφαί).

a deusa em B8, 53-59. A respeito dos princípios contrários e da “errância dos mortais”, Simplicio diz:

E ele (Parmênides) também estabeleceu como princípios elementares das coisas geradas uma antítese primária, a que chama Luz e Escuridão, Fogo e Terra, ou denso e raro, ou mesmo e outro, dizendo... em versos (B8,53-59)¹⁵

E entre os versos, uma passagem em prosa é inserida, como se fosse do próprio Parmênides. ‘Em adição a isto estão o suave, o quente, o claro, o suave e o leve; com o denso nomeia-se (também) o frio, o escuro, duro e pesado, pois estes correspondem-se reciprocamente’. Assim, ele claramente apreendeu dois elementos em oposição. Isso porque anteriormente determinou que ‘o que é’ é um, e diz estarem em estado de errância aqueles que não compreendem a oposição dos elementos que se combinam na geração ou não os revelam de maneira clara. Assim também Aristóteles seguiu-o ao estabelecer que os opostos são princípios. (SIMPLÍCIO. *In phys.*, 30,20-31,10 apud CONTE, 2016, p. 51)

Através da notícia de Simplicio a respeito da relação entre a oposição fundamental e a “errância dos mortais”, Conte argumenta que os versos a respeito da *Doxa* no poema de Parmênides são uma explicação da condição errante dos mortais, ou seja, um esclarecimento do fundamento das “opiniões”. Esse esclarecimento é visto por Conte positivamente, já que é o que permitiria avaliar a condição humana quanto a “errância”, mas não a decretar erro pura e simplesmente.

A partir desses apontamentos noticiados por Simplicio, Conte enxerga uma importante distinção entre *Diakosmos* (arranjo cósmico) e *Diakosmêsis* (ordenação cósmica) que, no entanto, estão intimamente relacionados¹⁶. O *Diakosmos* parmenídeo é o arranjo da oposição primordial dos princípios luz e noite, que está à base da cosmogonia (*Diakosmêsis*). A deusa diz “tudo é igualmente cheio de luz e de noite obscura” (B9, 3). Assim, esses princípios perpassam todas as coisas, seja o Cosmos ou o homem. Somente através dessa dualidade é possível uma descrição do universo para os mortais errantes. Nesse sentido, a *Diakosmêsis* acompanha e é fundamentada por esse arranjo primordial, que possibilita uma explicação da condição humana, articulando uma explicação fisiológica e epistemológica no B16, e tudo aquilo que aparece para os mortais como aparência (*dokounta*). É aqui que Conte encontra a explicação daquilo que a deusa havia antecipado no proêmio, quando diz: “Mas também isso aprenderás: como as aparências têm de aparentemente ser, passando todas através de tudo” (B1, 31-32). Sendo assim, os versos da cosmogonia posterior os versos *Doxa* são parte crucial para

¹⁵ As citações que carregam fragmentos do poema foram editadas desse modo por Conte: onde aparecem versos do *Peri Physeôs* ele optou por colocar a referência dos versos.

¹⁶ Ver o cap. 1.3 *A relação entre Doxa e Diakosmêsis*: (CONTE, 2016, p. 41-53).

a explicação parmenídea da “opinião” e como a condição existencial humana é dada pelo seu caráter “opinativo”. Sobre a função da cosmogonia no poema de Parmênides, Conte esclarece:

Isto é: à seção da Cosmogonia não identificaremos um conjunto qualquer de ‘opiniões’, mas uma exposição acerca das origens comuns do cosmo e dos seres humanos, de maneira que um mundo se lhes ofereça a ser conhecido segundo um modo de conhecimento — a opinião — previsto pela própria maneira como esse mundo é constituído em uma certa ordem, da qual participa a existência humana. Isso significa dizer que no Poema de Parmênides há não apenas *crítica* das opiniões (*doxai*), mas igualmente uma explicação acerca de sua *origem* (explicação essa que tem um caráter cosmológico). (CONTE, 2016, p. 52- 53)

O modo de conhecimento apresentado pela cosmogonia parmenídea, fundada nos princípios opostos, é a opinião. O conhecimento humano é possível na medida em que está fundado na condição existencial humana, a qual é atravessada pelos princípios de luz e noite, assim como tudo o que está disposto para a opinião. Assim, através da via interpretativa apresentada por Conte, tudo o que é possível conhecer através da “opinião”, que é a condição do mortal, é fundamentalmente constituída e explicada pelo par de opostos Luz e Noite.

A cosmologia de Parmênides e o movimento

Apresentada essa possibilidade interpretativa, que toma a *Doxa* como positiva no poema de Parmênides, partiremos para a interpretação de alguns fragmentos a respeito da parte cosmogônica do texto. Partiremos da hipótese defendida por Conte para alcançar algumas conclusões a respeito de certos fragmentos. Procederemos inicialmente por meio da epistemologia e fisiologia apresentadas no fragmento B16:

Pois, tal como cada um tem mistura nos membros errantes, assim aos homens chega o pensamento; pois o mesmo é o que nos homens pensa, a natureza dos membros, em cada um e em todos; pois o mais [o pleno] é o pensamento. (B16)

Tendo em mente a argumentação apresentada por Conte a respeito de como o par de oposição “luz e noite” é basilar para o entendimento da parte cosmogônica do poema, a declaração da deusa sobre a constituição do pensamento humano torna-se mais compreensível. Ao falar da “mistura nos membros errantes”, a deusa refere-se à mistura de luz e noite em todas as coisas, inclusive no pensar humano. Assim, há uma identificação entre os princípios constituintes do universo e os do pensamento, que permite, através da mistura, que aos homens chegue o pensamento. Percebemos aqui uma fisiologia que ao mesmo tempo embasa a epistemologia parmenídea ao identificar a constituição física dos homens, os membros errantes, à constituição racional. Essa identidade entre as “coisas que são” e o que nos homens pensa,

nos remete ao fragmento B3 ainda na suposta seção da “verdade”. A deusa diz: “pois o mesmo é pensar e ser.” (B3). Certamente é um verso muito enigmático, mas que nos permite interpretar que para Parmênides, por meio da deusa, há uma identidade entre ser e pensar expressa não somente no “ser” como também no pensamento e na natureza. Outra passagem que recordamos ao ler B16 é o verso 34 de B8, ele diz: “O mesmo é o que há para pensar e aquilo por causa de que há pensamento”. Desse modo, o tema da identidade entre “pensar” e “ser” está presente em todo o poema, seja na via da “verdade”, onde aparece através da identidade do pensar e ser enquanto unidade verdadeira, seja na cosmogonia através do par de opostos luz e noite que constituem as coisas e também o pensamento.

Examinado o tema da epistemologia em Parmênides e a sua relação com a fisiologia e constituição do cosmos, partiremos propriamente para a parte cosmológica da cosmogonia, apresentada nos versos de B10 a B19, que chega a um dos objetivos desta investigação, a saber sobre o problema do movimento. Os fragmentos centrais a respeito do movimento na cosmogonia de Parmênides são os B10 e B12, onde a deusa declara:

E conhecerás a natureza do éter e no éter de todos os sinais e dos raios da pura lâmpada do sol as obras destruidoras, e de onde nascem, e conhecerás as obras que rodam em torno da lua de olho redondo e a sua natureza, e saberás do céu que os tem à volta, e de onde nasce, e como guiando-o a Necessidade o obriga a conter os limites dos astros. (B10)

Pois as coroas mais estreitas enchem-se de fogo sem mistura, e as que vêm à noite depois destas, mas com elas lança-se uma parte de chama. No meio delas está a divindade que tudo governa; Pois em tudo comanda o parto doloroso e a mistura, impelindo a fêmea a unir-se ao macho, e ao contrário o macho à fêmea. (B12)

Em B10, a deusa promete ao jovem Parmênides uma série de conhecimentos a respeito da natureza do éter, das obras destruidoras dos raios do sol e de e onde nascem, das obras em torno da lua, do céu e de como a Necessidade (*Anánke*) o obriga a manter os limites dos astros. É evidente a riqueza dos temas cosmológicos tratados nesse fragmento, mas concentraremos nossa argumentação na afirmação “guiando-o a Necessidade o obriga a conter os limites dos astros”, pois ela é crucial para entender a resposta no pensamento de Parmênides ao problema do movimento. Juntamente com essa afirmação, outra fundamental está presente em B12, a saber: “a divindade que tudo governa”. No texto, a “divindade” que governa é enunciada através da palavra *daímon* que é interpretada por Marcelo Marques, através de Simplício, como o princípio e causa de movimento em Parmênides¹⁷. Sobre esses fragmentos, Marques aponta

¹⁷ Em seu artigo *A dóxa de Parmênides*, Marques comenta: “A coroa mais central entre as coroas feitas dessa mistura é o princípio e a causa do movimento e da geração, sendo referida por Parmênides como a divindade, *daímon*, que rege todas as coisas, o que também é confirmado por Simplício.” (MARQUES, 1992, p. 35) Ainda sobre o *Daimon*, diz: “O panorama geral nos mostra o entrelaçamento de uma cosmogonia (nível mítico), centrada

uma relação entre dois elementos presentes nesses enunciados que referenciam uma mesma matriz: a relação *Anánke* e *Dike* (Justiça) apontam a causa e princípio de movimento e geração do Cosmos. Mas qual a relação entre *Anánke* e *Dike*? Marques comenta, através de Couloubaritsis¹⁸, a relação funcional dessas figuras divinas ligadas ao *daímon*:

O que Couloubaritsis sugere (Couloubaritsis, 1986, p. 312 sgs.) é que essa divindade tem múltiplas funções, recobrando-se de níveis diferentes de significação: ela governa o movimento e o nascimento, enquanto *daímon*; ela contorna o céu e guia seu movimento circular, enquanto *Anánke*; ela se situa entre os dois mundos, o terrestre, celeste inferior, e o celeste superior, enquanto *Dike*, Justiça, guardiã das chaves. (MARQUES, 1992, p. 35)

Assim, a divindade que tudo governa é esse *Daímon* que move e gera todas as coisas no campo das aparências (*dokounta*). Tal princípio governa o movimento e a geração, guia o movimento do céu e contém os astros em seus lugares correspondentes na ordenação do Cosmos. Nota-se que essas figuras divinas atreladas ao princípio de movimento e geração, não estão presentes somente na parte cosmogônica do poema, mas fazem parte também do discurso sobre o ser¹⁹. Elas também aparecem nos versos: “Por isso nem nascer, nem perecer, permite a Justiça, afrouxando as cadeias, mas sustém-nas: esta é a decisão acerca disso - é ou não é —;” (B8, 13-16) e “Pois a potente Necessidade o tem nos limites dos laços que de todo o lado o cercam.” (B8, 30-21). Nesse sentido, *Anánke* e *Dike* fazem parte de todo o discurso da deusa no poema, tanto do que é “verdade” quanto do que é “opinião”.

Referências bibliográficas

BARROS, Raul. *PARA LER PARMÊNIDES: UMA BREVE INTRODUÇÃO ÀS QUESTÕES ESTRUTURAIS DO TEXTO*. Kínesis, Vol. XV, n° 39, dezembro 2023, p. 300-319. Disponível

na figura da divindade (*daímon*) que é também a coroa que produz o movimento e a geração (mistura/*míxis*).” (MARQUES, 1992, p. 36) No que diz respeito ao problema do movimento em Parmênides, uma argumentação semelhante é encontrada em Conte em um anexo da sua tese de doutorado, o Anexo A. Tal anexo tem por título *Os testemunhos acerca da “causa eficiente” em Parmênides*. Ver em: (CONTE, 2016, p. 163-176).

¹⁸ Lambros Couloubaritsis é um filósofo e pesquisador belga de origem grega, conhecido principalmente por seus estudos sobre a filosofia antiga, especialmente a filosofia grega pré-socrática, Aristóteles e a relação entre mito, razão e política no pensamento ocidental.

¹⁹ Na interpretação de Marques: “É importante ressaltar a presença, na *dóxa*, das mesmas potências divinas que comandam a viagem no prólogo e o amarramento do ser na primeira parte do poema. *Anánke* e *Dike* estão agora associadas ao movimento, sendo que estiveram já associadas à imobilidade do ser. O que fica claro, a partir dessa dupla presença, é a marca estrutural da ambigüidade do discurso mítico, no qual os termos apostos são necessariamente complementares. *Anánke* é a necessidade divina que impõe limites aos fenômenos celestes, elemento determinante da ordem cósmica. *Dike* guarda a passagem do carro em movimento rumo à morada estável da deusa, garantindo a diferença entre o ser não-gerado e a geração própria dos entes. Na cosmogonia, ela diferencia as duas regiões, superior imóvel e inferior móvel.” (MARQUES, 1992, p. 36)

em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/14180>. Acesso em: 15 de abril de 2026.

CONTE, Bruno. *A Doxa no poema de Parmênides: uma investigação a partir dos testemunhos doxográficos*. 2016. Tese (Doutorado em Filosofia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

MARQUES, Marcelo Pimenta. *A dóxa de Parmênides*. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, [S. l.], p. 33–39, 1992. DOI: [10.24277/classica.v0i0.812](https://doi.org/10.24277/classica.v0i0.812). Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/812>. Acesso em: 20 de abril de 2026.

PARMÊNIDES. *Da natureza*. Trad., com. e introd. por TRINDADE SANTOS, J. Leituras filosóficas. São Paulo: Loyola, 2002.